

O Banco Central e o escorpião

Rogério L. Furquim Werneck*

A nova fase das relações do governo com o Banco Central (BC) traz à mente a fábula em que o escorpião convence o sapo a lhe carregar para o outro lado do rio, assegurando-lhe que não teria por que temer ser picado ao longo da travessia, porque, caso isso ocorresse, morreriam os dois. Já quase na outra margem, contudo, o escorpião não se contém, e pica o sapo. E, quando o sapo, perplexo e indignado, lhe pergunta por quê, o escorpião esclarece: porque é da minha natureza.

Não há espaço aqui para rememorar a conflituosa relação do Planalto e do PT com o BC ao longo do Lula 3. Tanto o presidente quanto o partido jamais esconderam sua inconformidade com a ideia de um BC autônomo, com diretores que só podem ser substituídos à medida que seus mandatos imbricados expiram.

No início de 2025, Lula da Silva pôde, afinal, nomear Gabriel Galípolo presidente do BC. Mas, da perspectiva do governo e do PT, a atuação de Galípolo acabou se revelando decepcionante. Para surpresa de muitos, inclusive do próprio mercado financeiro, o novo presidente do BC recusou-se a fazer o que o governo e o partido dele esperava. Deu demonstrações claras de que manteria o curso da política monetária.

A postura independente de Galípolo fez enorme diferença para reconsolidar a reputação do BC. E para impedir que a farra fiscal do Lula 3 descambasse para mais um desastre de proporções roussefficas.

Ainda que à revelia de Lula, da Fazenda e do PT, o BC autônomo salvou a cena no front da política monetária. Tendo enfrentado três anos de fogo amigo, parece, afinal, apto a entregar uma taxa de inflação já abaixo de 4% no último ano do Lula 3, com a economia ainda em expansão e um ciclo de afrouxamento da política monetária pela frente.

Pois bem, em meio a esse quadro de relativo sucesso da política monetária e de consolidação da reputação do BC, Haddad e o PT não tiveram melhor ideia que decidir que já é o momento de assegurar que o partido tenha alguém de sua absoluta confiança em posição chave na instituição. E, para isso, submeteram ao presidente um nome para a Diretoria de Política Econômica que, quaisquer que sejam outros méritos que possa ter, não tem perfil, preparo e currículo para exercer cargo de tamanha importância.

Por que, a esta altura, na reta final do mandato de um presidente que pretende ser reeleito, o PT se mostra pronto a pôr a perder o sucesso da política monetária com uma nomeação tão desastrosa para o BC?

Porque é da natureza do partido, lamentarão petistas mais lúcidos.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.